MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
7 de Agosto de 2018

I.

Itália vai investir pelo menos mil milhões de euros no Norte de África com o objectivo de reforçar a segurança daquela região e conter a migração para a Europa.

Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, é criticado depois de dizer que é o seu modelo não liberal de democracia que vai revitalizar a Europa e o Partido Popular Europeu.

E ainda nesta edição: no Reino Unido, ministro do comércio internacional diz que Londres pode sair da União Europeia sem acordo devido à "intransigência" de Bruxelas.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

Conter a migração e apostar na segurança. São os objectivos do ministro do interior de Itália, Matteo Salvini, que anunciou um plano de pelo menos mil milhões de euros para o Norte de África. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

A Itália quer investir pelo menos mil milhões de euros em países do Norte de África com o objectivo de conter os fluxos migratórios daquela região.
O anúncio foi feito pelo ministro italiano do Interior, Matteo Salvini, numa entrevista à Sky TG 24, um canal italiano de notícias.
Salvini disse que já não basta fechar portos. É necessário criar perspectivas de crescimento e de trabalho para estes países.
Esta iniciativa faz parte de um trabalho mais amplo para lidar com outras questões de segurança, que dizem respeito à máfia, ao tráfico de droga e ainda ao terrorismo.
O ministro italiano do interior defendeu também uma lei que revogue o direito de um imigrante de pedir asilo, nos casos em que o mesmo tenha cometido um crime.
Salvini deixou também o apelo à União Europeia para que seja incluída uma "cláusula de repatriação" em quaisquer futuros acordos comerciais com países africanos.
Durante esta entrevista, Salvini reforçou que este novo investimento é uma resposta a todos aqueles que o vêem como "Satanás".
Recordo que um dia antes de anunciar o plano, o ministro foi declarado *persona non grata* em Maiorca, em Espanha, devido à retórica contra imigrantes e refugiados.

MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
7 de Agosto de 2018

+++

Sofia Jesus a dar conta aqui de uma moção de censura do Podemos. Aurora Ribot, porta-voz deste partido espanhol de esquerda, afirmou que as políticas e a retórica do ministro do Interior italiano "destilam uma xenofobia muito preocupante e séria, bem como um óbvio desrespeito pela vida e dignidade humanas".
Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa, está connosco esta semana aqui como é habitual.

Victor, é possível acreditar nestas medidas de Matteo Salvini, um homem notoriamente da extrema-direita?
Eu creio que não, eu creio que acreditar em Salvini é um grande erro. Na realidade, ele é um homem da comunicação social, é um homem dos `soundbites´, e este foi mais um `soundbite´, ou seja, ele veio anunciar qualquer coisa que ainda não tinha sido discutida nem com o primeiro-ministro nem com o ministro das Finanças. Aliás, há um grande problema neste momento na Itália, que é acertar o orçamento do Estado para o ano 2019 e as discussões à volta desse orçamento estão muito complicadas, na medida em que as prioridades de Salvini não são exactamente idênticas às prioridades do Movimento 5 Estrelas. Por isso, ele ao anunciar uma ajuda especial de mil milhões de euros para projectos agrícolas, para a pesca e para o comércio em África, está pura e simplesmente novamente a tentar marcar a agenda mediática.
Por outro lado, ele não disse de que África estava a falar e eu penso que se referia apenas aos três países que interessam à Itália no Norte de África: a Argélia, a Tunísia e Marrocos. Ora, o problema das migrações é muito mais profundo do que a situação económica e a situação de emprego nestes três países do Norte de África.

Já temos vindo a falar neste programa nesta questão de África, ou seja, a União Europeia defende um maior trabalho de cooperação entre os dois continentes para resolver a questão da migração. Este é o caminho?
Na realidade, a União Europeia está extremamente preocupada com a falta de desenvolvimento na África Ocidental, desde a região do Senegal até à região da Nigéria. E também está extremamente preocupada com o crescimento demográfico exponencial que está a acontecer no Sahel, crescimento demográfico esse que faz uma pressão enorme sobre o mercado de trabalho e o mercado económico muito fraco.
Por outro lado, temos também que ter presente que a União Europeia já é o principal actor de desenvolvimento em África, ou seja, há décadas que o desenvolvimento africano tem como principal financiador o mercado comum, a União Europeia. O que é preciso de facto fazer é repensar totalmente a maneira como se tem

feito a ajuda ao desenvolvimento e fazer um outro tipo de projectos, um outro tipo de programas, que tenha em conta o desemprego dos jovens, que tenha em conta o crescimento populacional e que tenha em conta também as grandes mudanças ambientais que têm ocorrido nestes territórios africanos, nomeadamente na África Ocidental, a qual está cada vez mais seca, está cada vez mais a sentir os efeitos das mudanças climáticas e da desertificação.

III.

Já voltamos à conversa com Victor ângelo.

E entretanto o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, que também tem vindo a contestar a política europeia de migração, está envolvido numa outra polémica.
Comemorava-se o legado do estadista alemão Helmut Kohl, e o primeiro-ministro húngaro terá dito que o seu modelo não liberal de democracia é que vai revitalizar a Europa e o Partido Popular Europeu. Isto foi o que escreveu a sueca Anna Maria Corazza Bildt, representante do Partido Popular Europeu, num artigo publicado no jornal Politico Europe (politico.eu). Bildt diz que Orbán foi longe demais. “Esta perspectiva é profundamente perturbadora. Ao passo que Kohl uniu a Europa ao juntar o Oriente ao Ocidente, Orbán está a polarizar o continente”, escreveu a representante.
Declarações que entretanto já foram desmentidas pelo gabinete de Viktor Orbán.

Primeiro, em relação a esta polémica. Já era hora de dizer basta a Orbán?
Já há algum tempo que se devia ter dito a Viktor Orbán que o tipo de políticas que ele está a seguir na Hungria e também o tipo de políticas que ele propõe para a União Europeia, nomeadamente no que diz respeito à imigração, não são apropriadas e devem, por isso, ser postas de parte. Eu acho que é muito importante que a sua família política – o Partido Popular Europeu – assuma as suas responsabilidades e diga claramente que este tipo de declarações é inaceitável numa Europa de valores democráticos, numa Europa que é diversa e numa Europa que se quer um exemplo em termos de tolerância. A verdade é que Viktor Orbán neste momento considera-se ele próprio como o advogado da democracia musculada, ou seja de uma democracia limitativa da liberdade de expressão, mas acima de tudo, Viktor Orbán considera-se o político que está destinado a fazer renascer a democracia cristã na Europa.

Em relação ao próprio Partido Popular Europeu, Corazza Bildt diz que são vários os cidadãos europeus que se devem estar a

questionam neste momento em que pé está este partido. Eu faço-lhe essa mesma pergunta.
O PPE não quer que apareçam cisões no seio da sua família política, porque essas cisões irão enfraquecer de uma maneira muito grande o Partido Popular Europeu e esse enfraquecimento fará com que o Partido Popular Europeu não ganhe as eleições de Maio de 2019 para o Parlamento Europeu e, no seguimento desse fracasso eleitoral, não consiga ter novamente a presidência da Comissão Europeia.

E o que dizer da decisão da Hungria de não fazer parte do Pacto Global da ONU para as Migrações, que deverá ser efectivado ainda este ano e ao qual os EUA também renunciaram, Victor?
Essa decisão de Viktor Orbán e a decisão do governo húngaro vão na linha que tem sido a linha seguida nos últimos tempos por estes governos, ou seja, de evitar a todo o custo que imigrantes não europeus, e sobretudo imigrantes vindos do Islão, ou seja, de regiões onde se pratica a religião islâmica, que esses candidatos à migração possam entrar na Europa. Ele continua a ver a Europa como sendo um espaço de unidade cultural cristã e existe ao nível de Viktor Orbán uma agenda política muito clara que é a de lutar contra a penetração do Islão no espaço político e social europeu.

Por outro lado, temos também assistido a uma aproximação de Orbán a Israel e ao governo israelita. Recordo que ainda no mês passado o primeiro-ministro húngaro esteve em Israel. Que objectivos tem Orbán com esta proximidade?
Aqui há sobretudo uma expressão do oportunismo, que Orbán tem manifestado ao longo dos últimos anos. E esta aproximação em relação ao governo de Israel permite-lhe ao mesmo tempo atacar George Soros, um judeu de origem húngara que tem contribuído imenso para a democratização e o fortalecimento da sociedade civil na Europa de Leste e nomeadamente na Hungria. Viktor Orbán transformou Soros num inimigo principal, mas para que ninguém diga que ele está a atacar Soros, porque Soros é judeu, ele faz ao mesmo tempo um jogo duplo de aproximação com Israel, ou seja, a aproximação com Israel permite a Viktor Orbán atacar não só um judeu muito proeminente, mas permite também ao nível interno da Hungria seguir uma política que tem muitos traços anti-semitas.

IV.

Entretanto, no capítulo Brexit: As possibilidades de que não se chegue a um acordo com a União Europeia sobre a futura relação comercial são neste momento de 60%. Declarações do ministro do Comércio Internacional britânico, como nos conta a jornalista Fátima Valente.

A primeira-ministra britânica esteve em França para angariar apoio para o plano que tem para o Brexit. Plano que defende um mercado comum de bens entre o Reino Unido e a União Europeia com alguma harmonização da regulamentação.
A visita insere-se numa série de viagens que a dirigente conservadora tem programadas durante o Verão a vários países europeus para dar voz a esta posição.
Durante cerca de duas horas, Macron e May mantiveram uma reunião de trabalho no forte de Brégançon, a residência oficial de verão do presidente francês.
Entretanto, no Reino Unido, o ministro do Comércio Internacional, Liam Fox, disse que o país pode sair da União Europeia em Março de 2019 sem acordo devido à "intransigência" de Bruxelas.
As possibilidades de não se conseguir um pacto com o bloco sobre a futura relação comercial entre ambas as partes são neste momento de 60% contra 40%, apesar da insistência de Londres e Bruxelas em quererem um acordo do Brexit, afirmou Fox este fim-de-semana numa entrevista publicada no *The Sunday Times.*

+++

O Magazine Europa a acompanhar então as negociações para o Brexit. Negociações que enfrentam dificuldades, especialmente pelo problema que apresenta a fronteira entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda, já que o objectivo é que continue a ser invisível.

Victor, primeiro que tudo um balanço deste encontro entre Macron e May.
Não totalmente positivo. Theresa May procurou influenciar a posição de Emmanuel Macron para que Emmanuel Macron pudesse em seguida dizer a Michel Barnier que é o negociador europeu para ter uma posição mais flexível, mas na realidade Michel Barnier já tem neste momento - e sobretudo nos últimos dias, depois de ter publicado um artigo de opinião em vários jornais europeus - já manifestou uma certa flexibilidade em relação às questões do Brexit. Por outro lado, também se pode dizer que a reunião entre May e Macron não foi totalmente proveitosa para os britânicos, na medida em que Macron é neste momento o competidor mais importante do Reino Unido no que diz respeito aos serviços financeiros, ou seja,
Macron vê com a saída do Reino Unido da União Europeia uma grande oportunidade para que Paris se torne a nova capital financeira da Europa. Macron vai tentar dificultar ao máximo a continuação de Londres como a capital financeira da Europa e isso evidentemente é mais importante para Macron do que encontrar

uma solução que permita a Theresa May ter um Brexit relativamente suave. Mas também é verdade que para os líderes europeus, incluindo para o presidente francês, é muito importante que Theresa May continue como primeira-ministra do Reino Unido. É ainda Theresa May quem aparece como o candidato mais moderado e mais próximo das posições europeias.

O Victor falou do artigo de Michel Barnier que dizia que, se por um lado a União Europeia está disposta a ceder no que toca à fronteira irlandesa, por outro refere que as propostas de Theresa May põem em risco os fundamentos da própria União Europeia. Eu perguntava-lhe, quem é que aqui poderá ceder em quê?
Eu diria que nos últimos dias houve ao nível de Bruxelas e das capitais europeias uma mudança para uma maior flexibilidade. A União Europeia vai adoptar em relação à Irlanda do Norte uma posição de grande abertura, no sentido de que, se os europeus aceitarem que a Irlanda do Norte continue a seguir as normas e as leis da União Europeia no que diz respeito ao comércio e no que diz respeito à circulação das pessoas entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda, a União Europeia estará disposta a aceitar isso como uma solução possível. E cada vez mais se fala em Bruxelas na possibilidade de um acordo de livre comércio entre o Reino Unido e a União Europeia e também se fala na necessidade de sem enfraquecer a posição e sem enfraquecer os princípios ou as regras fundamentais da União Europeia, conseguir-se encontrar um acordo que permita manter uma grande proximidade política e uma grande proximidade sobretudo económica entre a União Europeia e o Reino Unido.
Eu penso que vamos ter um acordo com o Reino Unido à maneira norueguesa, mas sem dizer que é à maneira norueguesa, dir-se-á que é à maneira britânica, mas na realidade será um acordo gémeo do acordo que existe já com a Noruega.

Victor, e antes de terminar, vamos falar ainda sobre um encontro entre a ASEAN - Associação das Nações do Sudeste Asiatico - e a União Europeia onde houve uma reafirmação da defesa dos mercados livres. Eu perguntava-lhe, que outros momentos são de sublinhar aqui?
Em relação ao Sudeste Asiático, há duas grandes preocupações em Bruxelas. Por um lado, intensificar as relações económicas e comerciais. e nomeadamente ter uma posição conjunta no que diz respeito ao comércio livre, mas também à reforma da Organização Mundial do Comércio. A segunda grande preocupação é a situação existente em Myanmar e nomeadamente resolver a questão dos Rohingya. E para a União Europeia esta continua a ser uma questão muito importante e em relação à qual a União Europeia conta com o apoio e com parcerias com os países do Sudeste Asiático de

fazerem pressão sobre o governo de Myanmar para que os Rohingya possam voltar às suas terras e possam adquirir os direitos que qualquer cidadão de Myanmar deve ter.

E essa pressão, que forma pode ter?
A verdade é que vários países do Sudeste Asiático são grandes investidores em Myanmar. Têm grandes investimentos em Myanmar, nomeadamente a Malásia, Singapura e também...

A China.
A China também, evidentemente. E a questão é fazer com que as discussões políticas entre a União Europeia e estes países – as discussões bilaterais e depois as discussões em termos conjunto, por isso, entre organizações – não deixem de focar a grande capacidade que estes países vizinhos de Myanmar têm de influenciar a política, de fazer com que o governo de Myanmar mude de opinião e nomeadamente que os dirigentes militares do Myanmar tenham uma atitude democrática e moderna em relação às questões da nacionalidade e nomeadamente à aceitação de uma população que, não sendo budista, faz parte do tecido social do Myanmar.

V.

Estivemos com Victor Angelo, comentador residente do Magazine Europa.

Tempo ainda para a nossa nota cultural: Foram descobertos em Colónia, na Alemanha, os restos da biblioteca pública mais antiga do país, um edifício com dois mil anos que poderá ter guardado mais de 20 mil pergaminhos. As paredes ficaram expostas em 2017, durante uma escavação na cave de uma igreja protestante no centro da cidade. Na altura não se percebeu o que era.

Hoje ficamos por aqui, até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.